

## **“NÃO ME DEIXE SOZINHO”: O IMPACTO DO ABANDONO PATERNO NA SAÚDE MENTAL DO PROTAGONISTA EM NEON GENESIS EVANGELION**

SARAH PORCIÚNCULA BELTRAME<sup>1</sup>; ANDREW OLIVEIRA<sup>2</sup>;  
DANIELA DELIAS DE SOUSA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – sarahpbel@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – andy4597@hotmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – daniela.delias@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

No pensamento freudiano a agressividade e a destrutividade estão relacionadas com as pulsões de morte em contraposição às pulsões de vida, sendo os impulsos agressivos uma das origens do mal-estar, visto que eles seriam um empecilho para a civilização (FREUD, 2010a). Quando falamos de ódio é preciso destacar como esse é uma paixão primária e básica, ela é essencial para o desenvolvimento humano e para o futuro surgimento do amor, influenciando na formação do Eu e na sua relação com os objetos (FREUD, 2010b), mas ela, mesmo quando positiva, não é o suficiente para aplacar, ou tamponar, as tendências instintivas de destruição do Eu, no momento em que a pulsão de morte é constitutiva para o ser (FREUD, 2010c).

O ódio é um tema que interpela inteiramente a série de animação japonesa “Neon Genesis Evangelion” (1995) criada por Hideaki Anno lançada durante o período de 4 de Outubro de 1995 a 27 de Março de 1996, é uma obra influente e polêmica, além de relevante para o campo de estudo da saúde mental. A história gira em torno do protagonista Shinji Ikari, um menino de 14 anos que é convocado para pilotar um robô contra alienígenas que ameaçam a humanidade. Shinji é um menino inseguro, que não confia em si mesmo para fazer escolhas, nem para proteger a si mesmo e, assim, passa grande parte dos episódios dividido entre a vontade de não pilotar e o desejo de ser validado caso pilote. Além disso, Shinji não sabe o que ele quer nem sabe muito bem quem ele é, nutre uma aversão contra si, não compreendendo como os outros podem gostar dele e sente um profundo medo de ser abandonado ao mesmo tempo em que teme e evita se relacionar com os outros. Podemos rastrear a origem desse comportamento de Shinji quanto abandonado aos três anos de idade por seu pai.

Com isso, Shinji tem certa consciência de seu sentimento de desvalia advir da rejeição por parte de seu pai, mas mesmo reconhecendo esse pai como alguém que lhe faz mal, o menino segue buscando sua aprovação e chega a admitir que pilotava, algo que lhe causava extremo desconforto, para receber elogios de seu pai - ainda que esses não fossem nem frequentes nem garantidos. Assim, neste trabalho, analisamos de que maneira o evento de abandono pela figura paterna afetou a saúde mental de Shinji e a constituição de sua autoimagem - com todas as implicações desses feitos, tais como a desvalia de si, o medo da rejeição e a dificuldade de relacionar-se com os outros, evitando-os, ainda que temendo ser deixado, ou acabar sozinho. Nesse sentido, fazemos uso dessa animação partindo do ódio sempre latente encontrado nela na figura do protagonista, muitas vezes esse afeto extrapola as barreiras do psiquismo de Shinji, onde o inconsciente escapa e vem à superfície, levando a personagem a um estado de culpa e autodestrutividade, consequência de um masoquismo

sustentado pela oscilação encontrada entre as posições esquizo-paranóide e depressiva.

## **2. METODOLOGIA**

O trabalho em questão foi elaborado no formato de um curto ensaio teórico. Para Meneghetti (2011) esse modelo é caracterizado pela permeabilidade que o mesmo permite entre objeto de estudo e autor, onde ambos se interpelam, oportunizando a formação de uma síntese que transforma ambos os agentes, não tendo como objetivo respostas absolutas, mas sim trazer indagações para ampliar o conhecimento científico. Além disso, faz-se uso da psicanálise para explorar o ódio contra si quando pensamos o abandono paterno, para isso, faz-se alusão ao protagonista da animação Neon Genesis Evangelion, que no plano de seus afetos odeia a si ao não ser gratificado pelo pai em seus sacrifícios.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Shinji ao longo da obra se coloca inúmeras vezes em situações de perigo extremo sem nunca saber ao certo o porquê de fazer isso, parece que o seu estado de agressividade se inclina em direção às pulsões de morte, fazendo-o repelir, ou impedindo-o de se situar em uma conjuntura de autoconservação, como seria de se esperar quando pensamos no desenvolvimento do narcisismo do sujeito que oscila entre as pulsões do Eu e as sexuais (FREUD, 2010d). É inacessível ao próprio protagonista da animação o significativo que lhe responda de maneira consciente a sua real motivação para exercer a função a qual lhe fora destinada, uma vez que os impulsos agressivos seriam anteriores ao ingresso do Eu na linguagem (LACAN, 1998).

Entretanto, ao longo da animação é demonstrado que Shinji nutre um ódio por seu pai, o qual lhe abandonara e nunca demonstrou interesse por ele ao longo da infância, o único momento que a figura paterna surge na vida de Shinji é para pedir que o mesmo coloque a sua vida em risco em nome da humanidade, não sabendo que seu pai tinha objetivos egoístas por de trás desse pedido. Ainda, podemos apontar que o protagonista sofre de um ódio invejoso em relação ao pai, o que nos remete diretamente a tríade familiar, isso devido ao fato de Shinji reviver constantemente a frustração primordial de ter sido separado da mãe, fazendo-o entrar em uma relação de rivalidade com o próprio pai (FREUD, 2018), e essa compostura é acentuada pela responsabilidade que Shinji atribui ao pai pela morte da mãe.

O ódio não é necessariamente ruim, visto que pode apontar para uma função construtiva do aparato mental. Contudo, a destrutividade advinda dele é nociva ao Eu, mesmo essa sendo um componente instintivo da psique. Entretanto, quando pensamos no Shinji vemos que o mesmo introjetou em si os objetos ruins para proteger o mundo junto dos objetos bons. Porém, isso não anula a inveja do Eu, a qual procura esvaziar o objeto amado, negando a vida no momento em que o ódio é direcionado contra esse objeto (KLEIN, 1996a), e se esse foi projetado para o mundo externo o que resta é a sua destruição. Todavia, quando Shinji se depara com a sua aversão perante o mundo ele momentaneamente flutua para uma posição depressiva, se culpabilizando por esse ódio, o que lhe faz, por meio do masoquismo, redirecionar as pulsões de morte contra si mesmo em um caráter ativo (FREUD, 2010e). Essa tendência

tenciona o Eu a fragmentação, assim, o protagonista tem a sua autoestima anulada e aniquilada.

Outrossim, o Eu se vê submetido na relação que ele constrói perante o mundo, sentido o olhar inquisidor deste. Nisso, o sujeito se entende digno ou julgado, o valor empregado é um reconhecimento advindo do outro, o qual, quando internalizado, torna-se em substância para a auto-percepção de si, onde parte de tal identificação é introjetada ou projetada. Sendo assim, podemos entender que o Eu é servo da maneira como o outro o contempla, é uma relação privilegiada pela intersubjetividade dos vínculos (LAPLANCHE; PONTAILS, 1991).

Com isso, observamos que os instintos de destruição se voltam para dentro do Eu, logo, para dentro de Shinji, já que ele divide o seu entorno sempre em objetos bons e ruins, pois não consegue fazer coincidir em sua estrutura psíquica o contexto imposto a ele e a sua relação consigo mesmo. Inclusive, essa clivagem realizada entra em consonância com o que Klein expôs ao longo da sua teoria, pois ela é um dos mecanismos mais primitivos do Eu para confrontar a ansiedade perante a realidade, reorganizando-a de forma a protegê-la ou para proteger o próprio sujeito acometido de tal afecção (KLEIN, 1996b). No caso de Shinji é possível observar que ao elencar alguns objetos como bons e ruins ele regride para uma posição esquizo-paranóide, pois não há objetos bons introjetados em si para que o façam se sentir acolhido e protegido, fazendo com que haja perturbações na sua autoestima, uma vez que o objeto de amor é um não-lugar em Shinji, devido às experiências traumáticas de negligência por parte de seu pai.

Ademais, Shinji só vem a sentir algum deslumbre de pertencimento ao ser elogiado pelo pai, fato que lhe dá um propósito no decorrer da trama, porém, logo esse lapso de afeto é esvaziado. O pai recusa seu filho nos momentos em que o mesmo hesita devido à violência a que é exposto, oscilações essas que fazem Shinji sentir-se um ser medíocre e sem lar, humilhação e dor que o mesmo não tem condições de elaborar ao passo em que não teve uma figura paterna, essencial para fazer o sujeito a realidade por meio do princípio de realidade (MUZZA, 1998).

#### 4. CONCLUSÕES

O vazio deixado na infância pelo seu pai gerou em Shinji uma série de prejuízos à formação de sua personalidade e à sua saúde mental: prejudicou sua autoimagem, comprometeu sua autoestima, o que lhe induziu ao auto-ódio e à depressão e a busca eterna da validação alheia. Tais achados estão em consonância com uma abordagem Kleiniana, pois na ausência de uma figura paterna o sujeito acaba por introjetar em si o “pai mal”, fazendo com que o Eu sintasse desprezado e renegado, fazendo o indivíduo colocar-se a prova de atividades inatingíveis ao passo que não reconhece as suas conquistas por ansiar um amor negado a ele na tenra infância, ao desejar tamponar o vazio resultante dessa privação a qual fora submetido.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, S. **O mal-estar na civilização. Obras Completas vol. 18.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.
- Freud, S. **Os instintos e seus Destinos. Obras Completas Vol. 12.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

- FREUD, S. **Além do princípio do prazer. Obras Completas Vol. 14.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010c.
- FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. Obras Completas Vol. 12.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010d.
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Obras Completas Vol. 5.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010e.
- Freud, S. **Moisés e o monoteísmo. Obras Completas Vol. 19.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- LACAN, J. A agressividade em psicanálise. In **Escritos** (pp. 104-126). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- KLEIN. **Inveja e Gratidão.** Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945).** Rio de Janeiro: Imago, 1996b.
- MENEGHETTI, F.K. O que é um ensaio-teórico? **Revista de administração contemporânea (RAC)**. Curitiba, v. 15 n. 2., pp. 320-332, Mar./Abr. 2011. Disponível em: <https://rac.anpad.org.br/index.php/rac/article/view/845/842>. Acesso em Mar. 2023
- MUZA, G. M. Da proteção generosa à vítima do vazio. In: Silveira P. **Exercício da paternidade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- Neon Genesis Evangelion** [Seriado]. Direção: Hideaki Anno. Produção: TV Tokyo; NAS. Japão: GAINAX, 1995. (615 min).